

AVÓS MATERNAS: INCENTIVADORAS DA AMAMENTAÇÃO?

GRANDMOTHERS: STIMULATING THE BREASTFEEDING?

Letícia Ceron Zanin¹
Lisara Carneiro Schacker²

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa é conhecer a visão das mães usuárias das Unidades Básicas de Saúde (UBSs) de um município do Vale do Sinos sobre a participação das avós maternas dos recém-nascidos (RNs) no processo de amamentação. Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva, com abordagem qualitativa. As participantes foram seis mulheres primíparas atendidas nessas UBSs, selecionadas conforme critérios de inclusão e exclusão previamente definidos. Foi respeitada a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. As informações foram analisadas de acordo com os pressupostos de Bardin (2004). Os principais achados revelaram que as avós maternas atuam, em alguns momentos, como incentivadoras do aleitamento materno, auxiliando as mães em suas dificuldades, promovendo a segurança, ofertando o apoio e orientando sobre os cuidados com a amamentação e a importância do leite materno. Contudo, em alguns casos, percebemos que há também o desestímulo ao aleitamento materno exclusivo, quando incentivam o uso de chá, água e outros alimentos antes dos seis meses. Com este trabalho, confirmou-se a imponência das avós maternas no processo de amamentação, trazendo-nos a certeza de que é preciso que as equipes de saúde se aproximem destas, objetivando a modificação de conceitos obsoletos.

Palavras-chave: Amamentação. Relações Mãe-filho. Cultura.

ABSTRACT

The general goal of this research is to know the view the mothers who are users of the Health Basic Units in a city in Vale dos Sinos, about the participation of the newly born's maternal grandmothers in the breastfeeding process. This is an exploratory research, characterized as descriptive with a qualitative approach. The participants were six women who would give birth for the first time who were patients in these UBSs, who were selected according to the criteria of inclusion and exclusion previously defined. The information was analyzed according to the assumptions raised by Bardin (2004). The main findings reveal that the maternal grandmothers act, in some moments, as motivators of maternal breastfeeding, helping the mothers with their difficulties, promoting confidence, offering support and guiding them concerning the cares in relation to breastfeeding and the importance of maternal milk. Nevertheless, in some cases, a lack of stimulation is also noticed towards exclusive breastfeeding, when they encourage the use of tea, water and other food before six months. It has been confirmed, with this paper, the stateliness of maternal grandmothers in the breastfeeding process, giving evidence that it is necessary that the health teams get close to them so as to change obsolete concepts.

Keywords: Breastfeeding. Mother-child Relations. Culture.

¹ Enfermeira graduada pela Feevale, atuando em Unidade de Terapia Intensiva; e-mail: le_czanin@yahoo.com.br.

² Professora do curso de enfermagem da Feevale; especialista em Neonatologia; mestre em Administração e Marketing; e-mail: liellensohn@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Desde a década de 1970, muito tem sido falado sobre a importância de divulgar informações sobre a prática do aleitamento materno exclusivo, pelo menos, até os seis meses de idade. Partindo do pressuposto de que o leite materno é de fato superior para o desenvolvimento do sistema nervoso e imunológico do recém-nascido (RN), a comunidade científica internacional realizou inúmeras tentativas para reverter o declínio da amamentação em todo mundo (LIMA, 2006).

O ato de amamentar é inerente à história dos seres humanos, mas, mesmo assim, pode desencadear uma série de sensações na nova mãe, principalmente insegurança e o medo de errar. O apoio da família e dos amigos mais próximos é muito importante para a puérpera, porém algumas pessoas não estão preparadas para auxiliar no processo de amamentação. As avós assumem um papel de destaque dentre as pessoas que participam do cuidado com a mãe e o RN. Auxiliar a filha no cuidado com o neto permite que a mulher avó reviva sua experiência como mãe (ALMEIDA 2006; SUSIN, 2004; TEIXEIRA, 2005).

Dentro do núcleo familiar, as mulheres são as cuidadoras principais e também responsáveis por transmitir o conhecimento sobre a maneira de cuidar. Esse conhecimento é repassado de geração em geração e, geralmente, de mãe para filha. As avós participam muito do cuidado familiar, principalmente de suas filhas ou noras na fase puerperal, transmitindo à nova mãe suas crenças e experiências (TEIXEIRA et al., 2006).

Além disso, Primo e Caetano (1999) referem que as mães das nutrizes percebem o aleitamento materno como uma herança transmitida de uma geração para outra, isto é, de mãe para filha. Essa passagem de experiência é individual e marcada pela história de vida de cada avó. Isso é comprovado quando as puérperas repetem comportamentos já praticados por suas mães. Dessa forma, fica evidente que o significado da amamentação para cada avó pode provocar repercussões positivas ou não no processo de amamentação de seus netos.

Este artigo tem por objetivo geral conhecer a visão das mães usuárias de Unidades Básicas de Saúde (UBSs) de um município do Vale do Sinos sobre a participação das avós maternas dos RNs no processo de amamentação.

A IMPORTÂNCIA DE AMAMENTAR

Amamentar gera benefícios importantes tanto para mãe como para o bebê, tais como: aumento do vínculo afetivo por meio do contato e olho no olho, estimula a produção de hormônios como a prolactina, a qual produz o leite e a ocitocina, que tem a função de liberá-lo, bem como de auxiliar no processo de contração uterina, diminuindo o risco de hemorragia pós-parto. Além disso, a amamentação evita a depressão pós-parto, ajuda a evitar nova gestação e diminui o risco de câncer de mama. Sem dúvida, é a dieta mais completa e balanceada para ser oferecida ao bebê (BRASIL, 2007; SIMÕES, 2002).

Os riscos e os benefícios inerentes ao ato de amamentar são importantes para a mulher tanto em relação ao bebê como em relação a si. Dessa forma, todo o processo de amamentação está sujeito a reavaliações por parte da mulher e das pessoas de seu convívio. Para que o aleitamento seja mantido, é preciso que a mulher e seus cuidadores percebam a superioridade dos benefícios desse ato, se comparados aos possíveis riscos (SILVA, 1997).

Os profissionais da saúde devem lutar para preservar o aleitamento materno, o que contribuirá para melhores condições de saúde das crianças e, para as mães, a sublime sensação de ter aquela mãozinha repousando sobre o seio durante a mamada (NÓBREGA, 2006).

ACONSELHAMENTO À MÃE E SUA FAMÍLIA SOBRE O PROCESSO DE AMAMENTAÇÃO: UM CUIDADO DE ENFERMAGEM

O ato de cuidar sempre esteve presente na civilização humana, desde a concepção até a morte. O cuidado é a essência da enfermagem e o profissional enfermeiro é quem representa sua equipe e coordena suas atividades. O enfermeiro deve dispensar atenção à nutriz e ao bebê, mas também perceber a necessidade de atenção necessária à família. Os familiares sentem-se valorizados quando são convidados a auxiliar na assistência de enfermagem, sentem-se comprometidos com as condutas estabelecidas. O envolvimento da família no ciclo gravídico-puerperal é benéfico para mãe e bebê e geralmente é representado pelas avós, que se interessam muito em cuidar de suas filhas e noras no puerpério (TEIXEIRA, 2005).

A opção de amamentar e a duração desse processo estão diretamente relacionadas com o suporte e o apoio oferecidos à mulher pelos familiares, amigos e profissionais da saúde. As repercussões referentes à influência dessas pessoas podem ser positivas, se a mãe tiver:

assistência na primeira mamada; auxílio para extrair manualmente o próprio leite, quando necessário; conhecimento sobre a produção e a modificação no leite e orientação sobre a idade adequada para introduzir alimentação complementar (TERUYA; BUENO; SERVA, 2006).

Gonçalves e Bonilha (2005) e Nóbrega (2006) complementam dizendo que a falta de conhecimento sobre as modificações na aparência do leite por parte das nutrizes, principalmente por influência das avós, pode contribuir para a introdução de outros alimentos na alimentação do bebê. Desconhecer as características do leite humano pode levar a mulher a desacreditar sobre sua capacidade de produzir leite em quantidade e qualidade adequadas ao bebê. Na realidade, o padrão de cor e consistência para o leite humano foi culturalmente imposto pela pecuária leiteira, quando referia que leite forte é leite gordo.

A amamentação depende da interação entre mãe e bebê, combinada com o suporte familiar, sobretudo, da mãe da puérpera. O sucesso da amamentação depende de fatores históricos, sociais, culturais e psicológicos da nutriz e de seus familiares, além do comprometimento, do conhecimento técnico-científico e da criatividade da equipe de saúde no incentivo ao aleitamento materno (ALMEIDA; FERNANDES; ARAÚJO, 2004; TERUYA; BUENO; SERVA, 2006).

PARTICIPAÇÃO DAS AVÓS NO ALEITAMENTO MATERNO

A nutriz elege um membro familiar, geralmente um membro mais velho, mais experiente e particularmente que já tenha vivenciado a maternidade. Os estudos têm mostrado a avó materna como a pessoa escolhida (BARREIRA; MACHADO, 2004).

A relação entre mãe e filha estabelecida no âmbito familiar remete a algumas situações de autoridade e poder por parte da mãe. Essa relação se estende praticamente por toda trajetória de vida da mãe, ocorrendo algumas modificações com o casamento e a maternidade da filha, fatos que podem fortalecer ou enfraquecer o relacionamento entre elas. A interação entre mãe e filha é fundamental para a construção da identidade feminina de ambas, as mulheres podem refletir algumas características de sua mãe e a mãe projeta na filha seus sentimentos e suas realizações. O momento do nascimento dos netos explica melhor do que qualquer outro o que foi dito anteriormente, para as avós, o momento do parto de suas filhas é a oportunidade de reviver seus próprios partos e remeter, na vivência das filhas, a suas próprias experiências (BARROS, 1987; DORNELAS; GARCIA, 2006).

O ato de cuidar sempre esteve inerente à mulher e, na história do cuidado familiar, existem duas figuras maiores: as avós e as mães. Essas mulheres, em especial, transmitem incansavelmente seus conhecimentos, suas crenças e seus valores, mantendo desde sempre a sobrevivência do ser humano. Quando positiva, a influência das avós é de suma importância para formação da opinião da nova mãe em favor da amamentação (BOFF apud TEIXEIRA, 2005).

As mães das nutrizes percebem o aleitamento materno como uma herança transmitida de uma geração para outra, isto é, de mãe para filha. Essa passagem de experiência é individual e marcada pela história de vida de cada avó. Isso é comprovado quando as puérperas repetem comportamentos já praticados por suas mães. Dessa forma, fica evidente que o significado da amamentação para cada avó pode provocar repercussões positivas ou não no processo de amamentação de seus netos (PRIMO; CAETANO, 1999).

Algumas avós não tiveram êxito em amamentar, principalmente pelo acesso limitado ou restrito às informações e ainda pela carência de apoio e estímulo perante as dificuldades encontradas durante o aleitamento. Considerando que as avós exercem grande influência na maneira de pensar das puérperas, fica evidente a necessidade da sua participação nas consultas de pré-natal e também nos grupos de gestantes, para que, dessa forma, elas (as avós) se comprometam com a amamentação de seus netos e percebam a importância do seu incentivo e da sua ajuda à mãe nesse período (BRASIL, 2007).

É possível supor que, quando as avós estimulam o uso de chá, água e outros leites para os RN menores de seis meses, estejam repassando conhecimentos adquiridos há 20 ou 30 anos atrás, dentre os quais, a maioria é contrária às recomendações atuais no que se refere à alimentação do RN (SUSIN; GIUGLIANI; KUMMER, 2005).

Teixeira e Silva (2005) corroboram dizendo que as avós trazem consigo os conhecimentos e as experiências permeados por mitos, crenças, tabus e valores enraizados e culturalmente aceitos no contexto histórico vivido por elas. Dentre esses, podemos citar leite fraco em pouca quantidade; o bebê chora porque está com fome; os peitos vão cair; leite salgado; o bebê rejeitou o leite materno e o leite artificial é que alimenta. Durante o período puerperal, a mulher encontra-se emocionalmente mais sensível, permitindo, assim, a influência de terceiros, sobretudo, das avós, as quais, muitas vezes, contribuem, consciente e/ou inconscientemente, para o desmame precoce.

Para que as avós promovam, apoiem e incentivem a amamentação, faz-se necessário que os profissionais de saúde conheçam como elas vivenciaram essa experiência como mães. Em um estudo recente, comprovou-se que, dentre avós que não amamentaram, a justificativa

mais frequente é, sem dúvida, a falta de leite ou o leite fraco, porém a maioria delas (as avós) mencionou o desejo de ter amamentado (TEIXEIRA et al., 2006).

METODOLOGIA

Tratou-se de um estudo exploratório descritivo com abordagem qualitativa. A coleta de dados foi realizada em três Unidades Básicas de Saúde de uma cidade localizada no Vale do Sinos. A pesquisa foi intencional, isto é, as pesquisadoras selecionaram os participantes com base em algum conhecimento prévio sobre eles.

Para as entrevistas, foram selecionadas seis mulheres primíparas, e os bebês, no momento da coleta de dados, tinham entre oito meses e um ano. Pelo fato de a adolescência tratar-se de um período de muitas transições e modificações no padrão de comportamento, optamos por incluir mães que não foram gestantes enquanto adolescentes. As participantes do estudo deviam residir, ter realizado acompanhamento pré-natal e de puericultura em UBSs organizadas de acordo com a Estratégia de Saúde da Família (ESF) no município onde a pesquisa foi realizada. Todas as mulheres deveriam ter permitido a participação das avós maternas no período de amamentação. Por fim, mas não menos importante, foram incluídas apenas as participantes que aceitaram participar da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os codinomes das participantes foram escolhidos por elas, sendo que buscaram uma palavra que traduzisse a experiência em amamentar.

Para este estudo, obedeceu-se aos aspectos éticos da Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi submetido à apreciação pela Secretaria Municipal de Saúde do município onde a pesquisa foi realizada, após essa etapa, a coleta das informações foi iniciada.

Foi realizada uma entrevista semiestruturada, na segunda quinzena do mês de agosto do ano de 2008. A análise das informações fundamentou-se na Análise de conteúdo proposta por Bardin (2004), que consiste na transcrição, organização e interpretação das informações, as quais foram organizadas em categorias que serão apresentadas logo a seguir.

RESULTADO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

CONFIANÇA NA AVÓ MATERNA

Atualmente, a mulher ainda está vinculada ao mundo interno do lar, independentemente da idade. O ambiente familiar é exaltado, o que faz com que a opinião das avós seja muito valorizada e respeitada. Com base nisso, temos a afirmação de que as avós participam diretamente da fase puerperal de suas filhas, influenciando positiva ou negativamente no aleitamento materno, dependendo das raízes de suas crenças e sua cultura (TEIXEIRA et al., 2005).

Em outro estudo, Teixeira e Silva (2005) referem-se às avós como as pessoas muito presentes nos nascimentos de seus netos e, por isso, mais próximas da mulher nutriz no período puerperal, momento em que a lactação está sendo estabelecida. Os profissionais de saúde devem considerar a importância do conhecimento cultural e do poder hierárquico da mulher avó nesse processo que se inicia.

Primo e Caetano (1999) corroboram com o que foi dito acima mencionando que as nutrizes repetem comportamentos já praticados por suas mães e que, por sua vez, foram transmitidos por suas avós. Dessa forma, há o repasse de conhecimentos através das gerações, geralmente seguindo a ordem de mãe à filha. Vejamos na fala da mãe Harmonia: “Tudo que a mãe da gente passou por nós elas ensinam pra gente”.

Ao nascer uma criança, diversas pessoas do ciclo de convivência da mãe desejam opinar, relatar suas vivências e até mesmo interagir diretamente nos cuidados com a puérpera e o bebê. Neste trabalho, constatamos que o fornecimento de orientações e a ajuda por parte da avó materna traduzem mais segurança à nova mãe. Segue a fala das mães Felicidade e Harmonia:

[...] ela (avó materna) me dizia as coisas e eu fazia tudo com mais segurança do que se fosse outra pessoa. Que nem tem pessoas que me dizem as coisas e eu não faço porque eu não tenho confiança naquilo, se for a minha mãe eu acredito [...] (FELICIDADE).

“Pra mim foi muito bom ter a minha mãe pra me ajudar e me deixar mais segura” (HARMIONIA).

Também constatamos que entre a participante Vitória e sua mãe existiu forte ligação de confiança, vejamos:

[...] por mais que eu e ela brigava e tudo, assim, se eu me apertava em alguma coisa, eu sempre recorria a ela, né, por exemplo: um dia de calor, mas tem vento, eu sempre perguntava pra ela (avó materna) será que eu vou ter que botá roupa quente ou roupa curta? (VITÓRIA).

[...] tudo que eu fiz eu fiz com consciência firme, mas eu sabia que, se eu falhasse, ela (avó materna) estaria aqui pra me ajudar [...] tipo parece que tudo que eu fazia eu fazia com certeza aqui na casa da minha mãe (VITÓRIA).

Os achados desta pesquisa mostram-nos que as avós, por serem pessoas carregadas de experiências, transmitem confiança às mães, fazendo com que estas se sintam mais seguras ao aleitar.

Confiar significa acreditar em alguém ou em algo; comunicar em confiança uma notícia ou um segredo (LUFT, 1996). De fato, em todas as interações humanas, é fundamental que haja o estabelecimento de relações de confiança entre as partes. Na maternidade, é facilmente visualizada essa situação, visto que continuamente há transmissão de conhecimentos, vivências e experiências, geralmente de mulheres que já passaram por esse processo para outras que o estão vivendo pela primeira vez. Contudo, percebemos que, entre membros de uma mesma família, mais comumente de mãe para filha, a transmissão de informações surte maiores repercussões.

Baseadas na discussão realizada nessa subcategoria, percebemos que é urgente a necessidade de as equipes de saúde reconhecerem a íntima relação entre mãe e filha e utilizar da imponência das avós como um auxílio na manutenção do processo de amamentação.

CONDUTAS INCENTIVADORAS DA AMAMENTAÇÃO

O presente estudo mostra-nos que as avós ora auxiliam positivamente no processo de amamentação, ora prejudicam. Inicialmente, abordaremos as condutas incentivadoras da amamentação.

“A minha mãe que dizia pra continuar dar o peito, que não existe leite fraco [...] que, mesmo que seja pouco leite, quando ele mamá, vai sair, mas daí pelo fato de ele chorar eu pensava que era pouco leite [...]” (CARINHO).

O sentimento de medo e angústia no início da relação entre a mãe e o seu bebê é natural, pois a mãe está experimentando algo novo e desconhecido e isso gera insegurança. Apenas com o convívio diário é que acontece o entrosamento perfeito entre a mãe e seu bebê. Nessa perspectiva, parece que a avó tem atuação positiva. Vejamos: “Tudo é novo nos primeiros dias, até se acostumar, ela me dava muito apoio [...]” (VITÓRIA).

Como nos relatam Teixeira et al. (2006), é sabido que as avós não mais amamentarão, mas podem apoiar suas filhas no enfrentamento de possíveis problemas surgidos durante esse processo. Um exemplo é a fissura mamilar, bastante comum, principalmente no início do aleitamento materno. Vejamos a vivência da mãe Carinho.

Na época que eu tava com o bico estourado, ela que me incentivou a continuar. [...] Eu não queria mais dar de mamá porque doía e ela (avó materna) dizia: não dá água e chá ou outro leite que senão ele vai largar teu peito logo [...]. Se eu não pudesse contar com a minha mãe, na primeira vez que doeu meu seio, acho que eu já teria desistido de dar de mamá [...] (CARINHO).

A fissura mamilar é um dos grandes problemas para a manutenção do aleitamento materno, visto que gera medo e angústia, devido à dor intensa e ao imenso desconforto para amamentar, o que pode repercutir no desmame precoce. Portanto, a interferência positiva das avós, nesse momento, é decisiva. A cultura da avó, suas experiências e seu conhecimento são fundamentais para que a abordagem seja satisfatória.

A mãe Felicidade também relata a interferência positiva de sua mãe no processo de amamentação exclusivo, pelo menos, até os seis meses de idade. Segue a fala.

Até os seis meses eu só dei o peito, né, e foi a minha mãe que me incentivou, porque eu queria começar a fazer um curso e a mãe falou: não, por enquanto tu fica só em casa, amamenta ela primeiro e, quando ela tiver maior, tu vai fazer as tuas coisas (FELICIDADE).

A mãe Felicidade traz outro relato.

Até quando a minha sogra me mandava dar chá e água, ela (avó materna) esperava ela (avó paterna) sair e falava pra mim continuar dando só o meu leite [...] a participação da minha mãe em todos os momentos foi muito importante pra mim (FELICIDADE).

Felicidade relata a importância da interferência de sua mãe para a manutenção da amamentação de seu filho. Os benefícios advindos desse apoio são imensuráveis para a saúde futura da criança, pois, além dos aspectos nutricionais, o contato, a afetividade e o amor emanado pelo ato de amamentar favorecerão o estreitamento de laços que irão perdurar por toda uma vida.

Contudo, alguns relatos nos mostraram que a participação das avós ainda provoca repercussões negativas no que se refere à amamentação, como veremos a seguir.

CONDUTAS DESESTIMULADORAS DA AMAMENTAÇÃO

Durante o período puerperal, a mulher encontra-se emocionalmente mais sensível, permitindo, assim, a influência de terceiros, sobretudo, das avós, que, muitas vezes, contribuem consciente e/ou inconscientemente para o desmame precoce.

Teixeira e Nitschke (2008) afirmam que, muitas vezes, as avós maternas incentivam o uso de líquidos e/ou outros alimentos antes dos seis meses de idade, o que consiste em uma atitude negativa no aleitamento materno, podendo, inclusive, repercutir no desmame. Os autores acreditam que essas atitudes das avós estejam relacionadas com o contexto histórico vivido por elas, quando a prática da amamentação era um tanto quanto desvalorizada. Neste estudo, tivemos resultados que nos levam a concordar com a afirmação acima. Vejamos:

[...] tipo só amamentar até os seis meses sem dar mais nada pra criança ela (avó materna) não gostava muito, ela queria que eu desse outras coisas pra ele comer [...] ela queria que eu desse comida e chá logo no início [...] (PAZ).

[...] só que eu comecei antes dos seis meses dar outros alimentos pra ele porque a minha mãe dizia que era bom [...], ela (avó materna) fala que é bom amamentar, mas que tem que dar outras coisas junto lá pelos quatro meses [...] a médica e as gurias lá do posto sempre falavam que era pra dar só leite do peito até os seis meses, mas a minha mãe [...] falando eu acabei dando comidinha pelos quatro meses [...] (ACONCHEGO).

A literatura é escassa em trabalhos que contemplem a participação das avós no aleitamento materno. Teixeira e Silva (2005), afirmam que, dentre as pesquisas já realizadas, a maioria associa a participação das avós como precursora do desmame precoce, pela introdução de água, chá e outros alimentos antes do período preconizado.

Após o nascimento de seu bebê, a mãe Vitória e seu marido mudaram-se definitivamente para a casa da avó materna do RN. Na subcategoria anterior, a entrevistada mencionou que a avó materna apoiou a amamentação, contudo ela também nos relatou ter vivenciado algumas dificuldades no convívio diário com a mãe. Seguem as falas.

Com a minha mãe, por eu ter vindo morar com ela, foi meio difícil, porque ela é mais antiga [...] Quando ele chorava, ela (avó materna) dizia: será que não tem que dar um chazinho ou alguma outra coisa pra ele? [...] ela foi bastante insistente assim pra eu dar chá e água pra ele [...] (VITÓRIA).

Às vezes a minha mãe até fazia o chá e eu levava pro quarto, mas, ao invés de dar pra ele, eu tomava (VITÓRIA).

As avós estimulam as filhas a amamentar, porém desacreditam na eficácia do leite materno exclusivo durante os primeiros seis meses de vida do bebê, o que fica comprovado quando as mães relatam que elas (as avós maternas) incentivaram a introdução precoce de água, chá ou alimentos. Além disso, pelo relato da mãe Aconchego, percebemos que a opinião da avó teve maior relevância do que as orientações fornecidas pelos profissionais de saúde, já que todas participaram de curso de gestante e fizeram consultas de pré-natal.

É possível supor que, quando as avós estimulam o uso de chá, água e outros leites para as crianças menores de seis meses, estejam repassando conhecimentos adquiridos há 20 ou 30 anos atrás, dentre os quais, a maioria é contraditória com as recomendações atuais (SUSIN; GIUGLIANI; KUMMER, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, percebemos, com este trabalho, que as avós maternas participam efetivamente do processo de amamentação, repassando conhecimentos e experiências à sua filha. Ao mesmo tempo em que as mães mencionaram as avós como pessoas que incentivavam o aleitamento materno, também referiram a pessoa da avó como o agente estimulador para a inserção de água, chá e outros alimentos precocemente.

As avós primam pelo aleitamento materno, contudo não acreditam em sua eficácia como alimentação exclusiva, pelo menos, durante os primeiros seis meses de vida do bebê. Portanto, estão estimulando o desmame precoce, com a inclusão de outros elementos antes dos seis meses, e não o desmame em si.

A figura da avó significa o porto seguro das mães nesse momento tão especial. Dessa forma, fica evidente que é fundamental que haja entrosamento entre as equipes de saúde e as avós maternas dos RNs, a fim de promover e manter o aleitamento materno exclusivo, pelo menos, até os seis meses de idade.

O profissional de enfermagem, como promotor de saúde, deve estabelecer vínculo com a nutriz e sua família, a fim de sanar dúvidas, reduzir o estresse e a ansiedade inerente a esse processo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. A. G. de. A rede sócio-biológica desenhada pelo leite humano. In: ARAÚJO, L. D. S. de; CASTRO, L. M. C. P de (Orgs.). **Aleitamento materno**: manual prático. 2. ed. Londrina, 2006, p. 25-35.

ALMEIDA, N. A. M.; FERNANDES, A. G.; ARAÚJO, C. G. Aleitamento materno: uma abordagem sobre o papel do enfermeiro no pós-parto. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiás, v. 6, n. 3, 2004, p. 358- 367.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004.

BARREIRA, S. M. C.; MACHADO, M. de F. A. S. Amamentação: compreendendo a influência do familiar. **Acta Scientiarum. Health Sciences**, Maringá, v. 26, n. 1, 2004, p. 11-20.

BARROS, M. L. de. **Autoridade e afeto**: avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretária de Atenção à Saúde. Promovendo o Aleitamento Materno. Brasília/DF, 2007.

DORNELAS, K. C. A.; GARCIA, A. O relacionamento entre mãe e filha adulta: um estudo descritivo. **Interação em Psicologia**, Universidade Federal do Espírito Santo, v. 10, n. 2, 2006, p. 333-344.

GONÇALVES, A. de C.; BONILHA, A. L. de L. Crenças e práticas da nutriz e seus familiares relacionadas ao aleitamento materno. **Ver. Gaúcha de Enferm.**, Porto Alegre, v. 26, n. 3, dez/2005, p. 333- 344.

LIMA, C. O. P. As Amigas do Peito: A importância dos grupos de apoio no incentivo ao aleitamento materno. In: REGO, José D. **Aleitamento materno**. São Paulo: Atheneu, 2006.

LUFT, C. P. **Minidicionário Luft**. 12. ed. São Paulo: Ática, 1996.

NÓBREGA, F. J. de. A importância nutricional do leite materno. In: REGO, José D. **Aleitamento materno**. São Paulo: Atheneu, 2006.

PRIMO, C. C.; CAETANO, L. C. A decisão de amamentar da nutriz: percepção de sua mãe. **J. Pediatr.**, Rio de Janeiro, v. 80, n. 6, 1999, p. 449- 455.

SILVA, I. A. **Amamentar**: uma questão de assumir riscos ou garantir benefícios. São Paulo: Robe, 1997.

SIMÕES, A. **Manual de neonatologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

SUSIN, L. R. O. **Influência do pai e das avós no aleitamento materno**. 2004. TESE (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SUSIN, L. R. O.; GIUGLIANI, E. J.; KUMMER, S. C. Influência das avós na prática do aleitamento materno. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 2, 2005, p. 141-147.

TEIXEIRA, M. A. et al. Significados de avós sobre a prática do aleitamento materno no cotidiano familiar: a cultura do querer-poder amamentar. **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 1, 2006, p. 98- 106.

TEIXEIRA, M. A. **Meu Neto Precisa Mamar!** E agora? Construindo um cotidiano de cuidado junto a mulheres-avós e sua família em processo de amamentação: um modelo de cuidar em enfermagem fundamentado no interacionismo simbólico. 2005. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

TEIXEIRA, M. A.; NITSCHKE, R. G. Modelo de cuidar em enfermagem junto às mulheres-avós e sua família no cotidiano do processo de amamentação. **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 1, jan/mar, 2008, p. 183-191.

TEIXEIRA, M. A.; SILVA, L. W. S. da. Influência das avós no desmame precoce: olhando a família. **Rev. Min . Enf.**, v. 9, n. 4, out/dez, 2005, p. 355-360.

TERUYA, K.; BUENO, L. G. dos S.; SERVA, V. Manejo da lactação. In: REGO, José D. **Aleitamento materno**. São Paulo: Atheneu, 2006.